Especial análise dos meus indicadores, do indicador de TradingView, ferramentas quantitativas e a ferramenta geopolítica em meio à compressão.

Tal como prometi na análise de fecho de semana, dedico este especial exclusivamente às minhas 3 ferramentas e a como se comportaram durante esta semana, porque num estado de compressão como o atual é quando mais informação deixam, inclusive mais do que numa tendência limpa, já que, num intervalo disputado, com duas forças a anularem-se em cada tentativa, vê-se de verdade o que lê cada uma, o que deixa de fora e até onde chegam.

Como sabeis, são ferramentas em que levo meses e meses a trabalhar, melhorando-as e filtrando-as para que complementem a minha operativa e a minha tese, e em caso algum as uso para decidir a direção por si sós: cumprem o papel de apoio e de sinalização de riscos, e é assim que as trato em todas as análises que faço.

Começo pelo indicador, que durante a maioria da semana esteve em vendas, tal como assinalei, a apoiar a pressão de ineficiências e a acumulação de oferta sobre o preço, o que favorece bastante o cenário que expus na minha tese e na minha análise semanal. Houve duas jornadas nas quais apoiou as compras, e isso foi claramente por toda a pressão e a defesa que se ativou, tal como pelas últimas tentativas em que o preço tentou aproximar-se dos 4.400, e depois voltaram a dominar as de venda, a assinalar a possibilidade de se libertar muita oferta acumulada, também pela quantidade de ineficiências que deixaram as jornadas de negociação, nas quais faltaram processamentos baixistas que se executaram posteriormente. Assim, em geral, dominaram as vendas, muito correlacionadas com a minha tese e a apoiar o cenário de defesa e pressão que prognostiquei, esperei e se concretizou.

Para entender por que razão essas duas jornadas de compras não contradizem nada, há que recordar o que mede o indicador: mede onde ficou trabalho sem processar, as ineficiências que uma direção deixou ao mover-se demasiado rápido e a oferta ou a procura que se foi acumulando sem encontrar processamento ao longo da sessão, e a direção em si fica fora daquilo que pode medir. Num estado de compressão ambas as coisas se geram nas 2 direções, cada limpeza altista deixa ineficiências em cima e cada queda defendida deixa procura acumulada em baixo; por isso, nesta etapa, o valor está na sequência de sinais mais do que no sinal de um dia isolado, e esta semana a sequência foi clara: 3 jornadas em vendas frente a 2 em compras, com as 2 de compras a coincidirem com os testes de defesa das bases altistas, ou seja, o indicador acompanhou a reação da procura no local onde a procura tinha de reagir, e voltou às vendas assim que essa reação se esgotou, o que na minha análise confirma que força sustenta o preço com argumento dominante e qual apenas o interrompe a defender e a tentar voltar a ter a dominância que perdeu.

Ainda assim, é um bom confirmador de pressão e de defesa, mas não de mínimos nem de máximos neste ciclo atual do mercado, porque, como já mencionei, são argumentos maiores da dinâmica de mercado que

romperão o estado de compressão; a única coisa do indicador que apoiaria a direção é que se libertasse a oferta acumulada de que tenho falado há semanas, e realmente não creio que isso aconteça por estes preços em pleno conflito de interesses: considero que se libertará no estado expansivo, quando todas as condições se verificarem, e não nestes momentos, nos quais não tem o combustível para o fazer, e esse combustível é a especulação de que a libertação necessita do outro lado; a oferta acumulada libertar-se-á a apoiar a queda expansiva quando a dinâmica de mercado reunir tudo o que é necessário, e enquanto a procura estiver apenas a defender e não a atacar, essa contraparte não existe com a dimensão necessária. Por isso, o indicador pode marcar vendas durante dias seguidos sem que a libertação ocorra, antes a apoiar ineficiências próximas e pressões em baixa, e no dia em que ocorrer, na minha leitura, distinguir-se-á com clareza de qualquer uma das quedas dos últimos dias, mas do meu lado falta bastante, pelo que o indicador fez um excelente trabalho, assinalando com clareza movimentos a favor e contra a minha tese, trazendo um grande contributo para a operativa diária.

Sobre as ferramentas quantitativas, tiveram uma semana excelente e sem alterações de maior desde como iniciaram, com o seu ponderado claramente baixista, não expansivo mas sim algo agressivo, a acompanhar e a apoiar de forma excelente as vendas defensivas em zonas altas, assinalando que qualquer teste altista seria fortemente rejeitado e que as tentativas de contraparte aos vendedores já não tinham o sustento de há uns dias, a apoiar igualmente o modelo baixista geral e o fluxo desde preços altos que tenta devolver o preço às zonas baixas, e a marcar a fragilidade especulativa do preço, ou seja, a fragilidade que lhe gera a entrada constante de especuladores em alta, o que a longo prazo dá muita manobrabilidade à direção baixista; além disso, apoiaram os cenários nos quais o preço falhou as suas tentativas mais importantes, tanto em alta como em baixa, nos cenários mais probabilísticos, e o quão difícil resulta que esses cenários se repitam, o que reforçou ainda mais a direção baixista, já que a procura falhou tentativas-chave tanto na semana antepassada a assegurar os 4.400 como agora a tentar aproximar-se deles, embora a oferta também não fique atrás nas suas falhas nos 4.240.

No entanto, ainda não assinalam um estado expansivo, e continuam a marcar os riscos altistas de manobrabilidade, os mesmos que fizeram com que a procura saísse vitoriosa em cenários passados em agosto, e a oferta também teve falhas consideráveis nesta zona baixa: como já disse, aproximou-se dos 4.240 de forma constante, com uma boa contrapartida tanto do modelo geral a partir dos preços mais altos como do intradiário, e com boas desculpas internas de movimento, e ainda assim falhou os testes para ativar as exposições dos 4.240 e ir em busca de objetivos mais sérios, algo bastante negativo para a estabilidade nas zonas baixas, porque, como vimos, a procura recuperou manobrabilidade e voltou a testar os 4.300, que é o nível em disputa neste momento. De modo que as ferramentas fecharam a semana a retirar um pouco de agressividade baixista, mas a apoiar ainda com força o cenário que se está a construir, e precisamente por essas falhas baixistas a procura pôde cumprir objetivos importantes de liquidação no intradiário e manter-se numa dinâmica volátil a disputá-los, algo pouco favorável para encontrar o estado expansivo na próxima semana.

Além disso, devido à quantidade de movimentos que o preço está a ter diariamente e ao quão mutável está a dinâmica de mercado, o aspeto quantitativo também pode mudar rapidamente, como vimos com a última reunião da FED, que provocou alterações rápidas e de supercurta duração em dados de todo o tipo, sejam qualitativos ou quantitativos.

Quanto à ferramenta geopolítica, apesar da reunião na ONU e apesar das novas operações «militares» no Irão, manteve-se positiva como nos últimos quase 2 meses, mas agora assinala um pouco mais de risco no que corresponde aos EUA, à Europa e a quase todos os seus países, e riscos consideráveis para a América Latina, enquanto sobre a Rússia e a Ucrânia continua muito semelhante, sendo um dos frentes em que se mostra mais pessimista, já que essa guerra é muito mais agressiva e importante do que a do Irão em termos militares, embora não em termos de influência sobre os mercados, de modo que, sob os filtros que lhe instaurava, em termos reais de factos, a situação não corresponde a uma guerra escalada.

Para entender essa aparente contradição, positiva em factos e com mais risco assinalado, há que ter presente que a ferramenta geopolítica que concebi trabalha em 2 camadas: uma avalia os factos reais, o que de verdade ocorre no terreno uma vez filtrado o ruído, e a outra avalia o uso que a narrativa financeira pode dar a esses factos, e esta semana as 2 camadas separaram-se; em factos, a situação continua sem escalar, mas na camada narrativa, à medida que a bolsa se aproximou dos seus máximos históricos e entraram muitos especuladores altistas que precisam de ser limpos, a ferramenta marca riscos geopolíticos no sentido de fazer estremecer o acordo, para que a dinâmica de mercado tenha desculpas concretas com as quais executar movimentos e retrocessos, ou seja, assinala que vai haver bastante volatilidade narrativa, comentários de que há um acordo e no outro dia de que não, como estamos a ver, de que haverá paz e no dia seguinte de que haverá guerra, declarações sem sentido de presidentes, etc.

Por isso torna-se algo mais cética quanto ao acordo no Irão depois de tantos dias sem se cumprir nem concretizar, e ainda mais sabendo que os mercados estão num estado em que as desculpas se tornam ainda mais importantes para os movimentos extremos e as liquidações que o sistema financeiro requer executar antes de subir, já que quando a camada narrativa sobe enquanto a de factos se mantém estável.

O que a ferramenta antecipa é uma janela de volatilidade disponível para a dinâmica de mercado, com o conflito real no mesmo ponto. Na Europa continua a assinalar que pouco a pouco pareceria que o continente já está em guerra direta com a Rússia, com a Ucrânia como intermediário, e disso continuo a esperar uma escalada maior — de facto já a começámos a ver, novos mísseis russos que ultrapassaram o espaço de outros países europeus e novos planos de sanções à Rússia apesar de algumas terem sido retiradas —, e Espanha continua com uma crise política interna bastante grave e com um problema migratório de grande escala, como eu já tinha previsto nas minhas análises também; embora a população não se aperceba disso, o que está a ocorrer é muito importante e pode mudar bastante a ordem do país que se conhece hoje a médio e longo prazo, já que o que vimos em Ceuta há uns dias pode ser pouco comparado com o que viria noutras zonas se

continuarem as ineficiências governamentais e o próprio conflito político interno, em vez de prestarem atenção a temas maiores como estes; por isso, Espanha e os países próximos mantêm-se de forma quase permanente em riscos elevados dentro da minha ferramenta: se não for por riscos de guerra com outros países, é pelos riscos que eles próprios causam internamente — se não for bélico, é político ou estupidamente ideológico.

Quanto à América Latina, os riscos aumentaram, principalmente porque cresce a presença dos Estados Unidos e das suas petrolíferas em muitos países, como a Venezuela, a Colômbia e a Argentina, aumentam os acordos de soberania e os acordos que dão ainda mais influência americana em todo o continente, o que perante o público em geral dá a entender uma perda real de soberania desses países perante as execuções financeiras dos EUA na região, algo que também prognostiquei há muito tempo, quando disse que os EUA tinham essa região um pouco «abandonada» nos planos geopolíticos e que se iam pôr ao dia, e além disso vimos várias alterações de governo importantes que facilitam essa execução. Na minha leitura, o petróleo é o fio que une esta frente com o resto, porque o controlo sobre a produção e o transporte de energia na região passa a ser mais uma peça do mesmo esquema que mantém o crude caro, tema que tratarei a fundo no PDF especial do petróleo.

Assim, a minha conclusão sobre a ferramenta geopolítica é que, em factos, continua sem haver riscos bélicos reais de grande dimensão até daqui a algum tempo, quando chegar o mais importante, mas para a narrativa financeira haverá sim riscos concretos que serão usados para movimentos importantes, enquanto outros países enfrentam problemas graves que, embora não sejam totalmente bélicos, podem prejudicá-los de forma semelhante; e no aspeto bélico o mais importante continua a ser, repito, Ucrânia e Rússia, isso é o que em guerra é efetivamente mais real, enquanto o do Irão está a ser tão usado pelo sistema financeiro que muitas coisas começam a fazer suspeitar que não são reais.

Desta maneira fecho a atualização sobre as minhas 3 ferramentas, nas quais trabalhei tantos meses para as melhorar e filtrar, para complementar a minha operativa e a minha tese e ter um grande apoio adaptado aos mercados atuais e à sua irracionalidade; e em conjunto esta semana as 3 disseram o mesmo a partir de ângulos distintos: o indicador mostrou pressão vendedora constante embora não libertação expansiva da mesma, o aspeto quantitativo mostrou domínio baixista sem regime expansivo, e o aspeto geopolítico mostrou factos estáveis com uma narrativa preparada para agitar e ser usada como desculpa — três leituras que coincidem no estado atual do mercado e em como as usei.

Reagam bastante para continuar com estes PDFs, e até à próxima.